



## **AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A QUESTÃO AMBIENTAL NOS ESCRITOS DE GUERREIRO RAMOS**

Marcus Bernardes<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Alberto Guerreiro Ramos é uma figura central no diálogo entre Teoria Social e a Questão Ambiental no pensamento sociológico brasileiro. O sociólogo baiano fez importantes incursões ao discutir formas de organização social que repensam os impactos humanos na natureza e, como consequência, as próprias relações entre os indivíduos. O presente trabalho traz resultados preliminares de uma pesquisa em desenvolvimento que busca compreender as relações entre Ciências Sociais e a Questão Ambiental nos seus escritos. Além da dimensão política que uma revolução organizacional exige, Guerreiro Ramos elaborou uma complexa rede de conceitos (atitude parentética, paradigma paraeconômico, razão substantiva, redução sociológica entre outros) através dos quais é possível analisar como sua teoria sociológica se relaciona com a temática ecológica. Neste sentido, quais as possíveis contribuições de Guerreiro Ramos e a atualidade do seu pensamento para refletirmos no âmbito da educação, formas de abordagens e compreensão da crise ambiental sob o prisma das ciências sociais? O artigo propõe um estudo teórico das obras do autor, delineando-se através de técnicas de análises qualitativas. O discurso científico aqui é entendido como obra, resultado de um trabalho que organiza a linguagem. Isto é, a efetuação do discurso como texto. Dessa forma, metodologicamente a pesquisa se assenta sobre os princípios da hermenêutica de extração e interpretação de sentido, buscando a compreensão das narrativas científicas.

**Palavras-chave:** Pensamento Social Brasileiro. Questão Ambiental. Epistemologia.

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia Social, UFG. E-mail: marcusbernardes@outlook.com.br.

## INTRODUÇÃO

Alberto Guerreiro Ramos, intelectual negro e natural da cidade de Santo Amaro da Purificação no Recôncavo da Bahia, formou-se em Ciências Sociais na então Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, em 1942, no Rio de Janeiro. Portanto, integrante das primeiras turmas que constituem o início do processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil (ORTIZ, 1985; MICELI, 1995, MEUCCI, 2007).

De forma geral, sua vida e obra tem sido objeto de estudo pelo menos desde a década de 1980 (OLIVEIRA, 1987; SOARES, 1995; OLIVEIRA, 2006; MAIA, 2012; LYNCH, 2015; AZEVEDO, ALBERNAZ, 2015). Alguns estudos focaram em um importante debate sobre o projeto de diretrizes de ensino e pesquisa de Sociologia no Brasil entre Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos (BARIANI, 2003; MARTINS, 2008). Renato Ortiz (1990) indica que esta discussão pode ser lida de diversas formas: como orientações diferentes no campo das Ciências Sociais, ou em outros termos, o embate entre a escola sociológica paulista da Universidade de São Paulo (USP) e outra vertente de pesquisa no Rio de Janeiro ligada ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Enquanto Florestan Fernandes buscava o rigor científico como meta para a construção de um projeto sociológico brasileiro, Guerreiro Ramos entendia a sociologia como uma perspectiva científica que deveria se livrar das amarras coloniais e que fosse socialmente responsável.

Outro foco de pesquisa fundamental foi a relação entre Guerreiro Ramos e os estudos raciais no Brasil (BARBOSA, 2004; MAIO, 2015). No final da década de 1940, ele participou de forma intensa do Teatro Experimental do Negro (TEN) e publicou no jornal *O Quilombo*. Ambos importantes veículos de uma militância pioneira do protagonismo negro no meio intelectual. “Guerreiro Ramos fazia grupos de terapia como caminho para solucionar a ambivalência da subjetividade do homem de cor. Foi diretor do Instituto Nacional do Negro, que, junto com o Museu do Negro, compunha o TEN” (OLIVEIRA, 2006, p. 186). Em 1950, junto com Abdias do Nascimento (idealizador do TEN e editor d’*O Quilombo*) e Edison Carneiro organizou o I Congresso do Negro Brasileiro.

Contudo, como aponta Maia (2012), é necessário ir além do provincialismo remetido a Guerreiro Ramos em relação ao ISEB e o pensamento nacionalista. Compreendo aqui Guerreiro Ramos enquanto um intelectual com uma produção

crucial para o entendimento da história das Ciências Sociais no Brasil, bem como um aporte fundamental para desafios epistemológicos atuais que assolam a Sociologia.

Tal levantamento preliminar destas pesquisas sobre o autor e sua obra já denotam a riqueza e a pluralidade de temáticas provenientes dos escritos de Guerreiro Ramos. O sociólogo baiano também fez importantes incursões ao discutir formas de organização social que repensam os impactos humanos na natureza e, como consequência, as próprias relações entre os indivíduos. Dessa forma, esta temática se apresenta como fundamental neste artigo.

Suas contribuições foram destacadas no âmbito da administração e meio ambiente (PIZZA JUNIOR, 1991), ecologia política (VIOLA, 1992; BOEIRA, 2002), autopoiese (GAGLIETTI, 2008), práticas sustentáveis (SCHUTEL, 2011), estudos organizacionais e meio ambiente (DIAS, 2016). A obra *A Nova Ciência das Organizações: uma reconceitualização da Riqueza das Nações*, publicada em 1981, consiste na principal referência para entender as relações entre a Questão Ambiental e Ciências Sociais no pensamento de Guerreiro Ramos. Entretanto, para um maior aprofundamento analítico destas relações tão complexas, é fundamental compreender tal obra como fruto de uma trajetória de mais de 40 anos de pesquisa e, por sua vez, precedida por outros livros e artigos relevantes nos debates sobre cultura, natureza, mercado, razão, organização e ecologia. É necessário adotar uma perspectiva de investigação que perceba os escritos em diferentes épocas, contextualizando as obras, mas também como um conjunto de uma trajetória intelectual, com todas as contradições e ambivalências. Em suma, enquanto um projeto de uma Ciência Social emancipada e crítica. Em virtude dos limites de um artigo, este aprofundamento não poderá ser contemplado aqui. Restrinjo-me então a traçar alguns caminhos analíticos, estabelecendo noções mais gerais entre questões ambientais, educacionais e seu projeto de Sociologia.

Como apontado por Ângela Figueiredo e Ramón Grosfoguel (2007) há uma “política do esquecimento”, um apagamento da contribuição acadêmica de autores negros e negras no Brasil. José Jorge de Carvalho menciona Guerreiro Ramos como um dos maiores cientistas sociais brasileiros do século XX e lamenta o episódio em que o sociólogo baiano foi barrado no concurso para professor na UFRJ na década de 1950, em função do racismo institucional. “Ele teria formado outros

alunos que também teriam sido professores, e teríamos hoje um outro panorama da presença negra nas universidades públicas. Ficou no seu lugar um professor que não causou nenhum impacto especial nas nossas Ciências Sociais” (CARVALHO, 2005, p. 4). Uma “política do esquecimento” só é revertida a partir de pesquisas que demonstrem a contribuição acadêmica destes intelectuais, bem como através de uma revisão crítica dos cânones do pensamento social brasileiro e a inserção de novos/antigos intelectuais neste quadro de ensino.

Em vez de reduzir sua contribuição à produção isebiana ou restringir-se em um estudo biográfico, uma forma de compreender melhor a obra guerreiriana é inseri-la nos debates globais da Sociologia, caminho já indicado por Renato Ortiz (1985). A relação da sua obra com temáticas ambientais e o ensino de ciências sociais inscreve-se nesta perspectiva.

## **1. GUERREIRO RAMOS E O ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

A construção de um projeto de ciência, no caso aqui uma proposta de Sociologia, envolve diretamente também um projeto de educação. Ao propor um modelo explicativo sobre a realidade social, um método para a Sociologia, está implícita a necessidade de reflexão sobre a transmissão destes conhecimentos científicos.

Dessa forma, antes de chegarmos nas contribuições de Guerreiro Ramos para a Sociologia Ambiental, é necessário compreender, ainda que brevemente, o seu projeto de educação sociológica.

A Sociologia para Guerreiro Ramos era um instrumento de autodeterminação dos povos. Em contextos coloniais, como no caso brasileiro, o tema da transplantação é fundamental na discussão sociológica. A partir desta premissa caracterizou, portanto, duas correntes de pensamento sociológico no Brasil: a Sociologia “Consular” (ou “Enlatada”) e a Sociologia Dinâmica.

A Sociologia “Consular” consiste em um tipo de conhecimento com forte dependência de valores e conceitos estrangeiros, sem uma assimilação crítica dos mesmos. É a ideia do sociólogo com um repetidor. Este tipo de sociologia “incapacita o estudante para o exercício funcional de uma atitude sociológica”

(RAMOS, 1995, p. 108). É uma produção “enlatada” na medida em que é consumida como uma verdadeira “conserva cultural” com teorias transplantadas literalmente. A atualidade desta crítica de Guerreiro Ramos se coaduna com as teorias pós-coloniais e o conceito de epistemicídio que abordam diretamente a temática do imperialismo na ciência.

Como resposta e solução para este tipo de Sociologia, e assim o desenvolvimento de uma ciência dinâmica, Guerreiro Ramos propôs um método desenvolvido no livro *A Redução Sociológica*, lançado em 1958, tendo uma segunda edição publicada com acréscimos de discussões pelo autor ainda em vida em 1965.

O objetivo da Redução Sociológica é o desenvolvimento de uma consciência crítica. Esta consciência é uma reflexão do ser humano ou grupo social sobre as determinações históricas e sua condição diante delas como sujeito. A consciência crítica da realidade nacional, dessa maneira, não é o apego à pureza de costumes, mas a consciência política da autoafirmação dos povos colonizados, no caso do Brasil.

Contudo, o que é afinal a Redução Sociológica? Em primeiro lugar é uma atitude metódica, portanto oposta à atitude espontânea. Àquela atitude metódica altamente elaborada, que envolve um estudo sistemático e rigoroso, Guerreiro Ramos denominou atitude parentética. É a atitude que “põe entre parênteses” os conhecimentos e as experiências apreendidos, transpondo-os de uma perspectiva para outra. Eliminando o que for secundário numa produção teórica estrangeira, por exemplo, referentes aos valores e experiência locais, para o entendimento original da sua própria realidade. O segundo ponto é que os fatos da realidade social possuem um vínculo de significação, fazem parte de conexões de sentido (Weber); em que o sentido do objeto está conectado a um contexto determinado (Marx); não se tratando assim de um ato de lucidez individual, mas fundamentado em um suporte coletivo (Durkheim).

Em síntese a Redução Sociológica consiste em um procedimento crítico assimilativo da experiência estrangeira, uma aspiração ao universal, porém mediatizado pelo local, regional e nacional. Nas palavras do próprio autor, a Redução Sociológica:

funda-se numa atitude metódica interessada em descobrir as implicações referenciais, de natureza histórico-social, de toda sorte de produção intelectual e em referir sistematicamente essa produção ao contexto em que se verifica, para apreender exhaustivamente o seu significado (RAMOS, 1958, p. 68).

Se no plano social e político há uma tensão e transformação de perspectivas de uma mentalidade colonial para uma nacional, nas ciências sociais está tensão também era presente. Dessa forma a atitude parentética como expressão da práxis da Redução Sociológica busca tornar sistemática a assimilação crítica em detrimento de uma “assimilação literal e passiva” dos produtos científicos importados.

O conceito possui desdobramentos importantes sobre as relações entre a consciência cognoscente e o objeto, a consciência da implicação do ser humano no mundo, horizontes intelectuais, pressupostos fundamentais da atividade científica entre outros. Porém na impossibilidade de espaço para fazer tais desdobramentos analíticos, fiquemos com a noção geral de que a ideia e prática da Redução Sociológica em países periféricos somente são adotados sistematicamente por cientistas sociais que assumam uma posição de engajamento ou de compromisso consciente com o seu contexto.

Fundamental nesta sua proposta de Sociologia é a reflexão sobre o próprio ensino de Ciências Sociais no Brasil. Como já destacado por Amurabi Oliveira (2016), embora a temática de educação não tenha sido primordial na sua discussão sociológica, a obra de Guerreiro Ramos possui desdobramentos e contribuições atuais no campo de ensino de Ciências Sociais.

Em artigo publicado em 1953, *O problema da escola de aprendizagem industrial no Brasil*, já indicava que uma educação eficiente deveria estar “respaldada numa experiência prévia da comunidade” (RAMOS, 2009, p. 7). Seguindo a crítica, destaca que a escola secundária no Brasil:

funciona menos como uma agência destinada a introduzir os educandos no conhecimento das humanidades, a dar-lhes certas destrezas intelectuais, do que como um instrumento de confirmação de posições conquistadas ou de capilaridade para os indivíduos das classes menos favorecidos. O que lhe pedem os seus clientes não é

propriamente um saber, um estilo mental, mas uma aparência vernácula que lhes possibilitem melhores lugares na estrutura social (RAMOS, 2009, p. 8).

Dessa forma acreditava que o ensino de ciências sociais na América Latina tem o objetivo central de contribuir para emancipação dos estudantes, “equipando-os de instrumentos intelectuais que os capacitem a interpretar de modo autêntico, os problemas das estruturas nacionais e regionais a que se vinculam” (RAMOS, 1995, p. 104-105). Nota-se a importância da Redução Sociológica neste processo educacional de modo que a capacidade crítica de interpretação da realidade social seja primordial nos processos de ensino-aprendizagem.

Em relação ao ensino de Ciências Sociais, o sociólogo baiano aponta duas carências fatais: a falta de compromisso entre o docente e o conteúdo que leciona, e entre este conteúdo e as necessidades da comunidade. As razões destas carências seriam os professores que exercem a cátedra de Sociologia por acaso sem formação na área (infelizmente continua um dado atual em relação ao ensino de Sociologia Escolar na Educação Básica no Brasil<sup>2</sup>) e também a transplantação literal de obras estrangeiras neste processo educativo, sem um diálogo com a realidade do estudante.

Dessa forma a efetividade da Sociologia exige um profundo envolvimento cotidiano de um pensamento permanentemente em vigília, segundo o autor. O desmascaramento do “consularismo” do trabalho sociológico é uma constante na sua reflexão científica, seja no âmbito da educação, da organização social ou da epistemologia das Ciências Sociais. Com tais noções em mente, passemos às contribuições de Guerreiro Ramos para as questões ambientais.

---

2 Segundo a pesquisa anual de 2017 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) sobre o Censo Escolar da Educação Básica, no ensino médio, a maior carência no indicador que se refere à formação docente está em Sociologia, em que apenas 27,1% dos professores têm a formação necessária (BRASIL, 2018).



## 2. CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIOLOGIA AMBIENTAL

A Sociologia Ambiental enquanto produção científica remonta aos anos 1960, junto com os movimentos de contestação contra o industrialismo. A partir deste período, nos EUA e Europa Ocidental, despontaram diversos movimentos ambientalistas de caráter pacifista e antinuclear. Segundo Eduardo Viola (1992), o Brasil, entre os países da América Latina, é o pioneiro no desenvolvimento de um movimento ecológico em resposta a degradação ambiental acentuada durante a Ditadura Militar na década de 1970. Ainda segundo o cientista político, Guerreiro Ramos, do ponto de vista da teoria social, seria precursor no Brasil ao relacionar questões ambientais a partir da Sociologia.

Leila Ferreira (2006) informa que a Sociologia teve uma preocupação ambiental tardia em relação a outras ciências, por dois motivos centrais. Primeiro em função de uma crença na modernização e no modelo de desenvolvimento (inclusive Guerreiro Ramos compartilhou desta ideologia em seus trabalhos nas décadas de 1940 e 1950) e, segundo, pela fuga a determinismo biológicos e geográficos.

No Brasil a institucionalização da Sociologia Ambiental vem ocorrer em meados dos anos 1980, buscando “cobrir uma lacuna teórica da tradição clássica frente as questões ambientais, criando um lócus institucional pra o desenvolvimento da nova temática” (FERREIRA, 2006, p. 51). Embora não faça parte desse processo de institucionalização que tem o marco inicial da produção intelectual brasileira em 1984, com o texto *Ecopolítica em áreas urbanas*, de Roberto Guimarães (FERREIRA, 2006), Guerreiro Ramos possui uma produção teórica fundamental neste campo ambiental que ainda é negligenciada e, inclusive, anterior a este marco.

O sociólogo baiano colaborou de forma contundente para a travessia transdisciplinar<sup>3</sup> entre as Ciências Naturais e Sociais. Dessa forma, ele tem um papel fundamental para a emergência de novos paradigmas ambientais que se relacionam com as Ciências Sociais (BOEIRA, 2002).

---

3 Entendo o termo, a partir da *Carta da Transdisciplinaridade*, como uma atitude científica de aproximação disciplinar, uma abertura entre as ciências que enxerga as similitudes por aquilo que as atravessam e as ultrapassam (MORIN, 1994).



O surgimento da Ecologia, enquanto disciplina científica, remete ao século XIX. Intimamente relacionada aos impactos ambientais e conceituais promovidos pela Revolução Industrial. A criação do termo tem sido atribuída, por vezes, a Henry David Thoreau em 1858 (LITTLE, 2006) ou Ernst Haeckel, com a publicação do seu livro *Morfologia Geral dos Organismos*, em 1866 (GIULIANI, 1998). De qualquer forma, a Ecologia surge para repensar os intercâmbios entre indivíduos humanos e não-humanos e o meio biofísico.

Autores como Giambattista Vico (1688-1744), Heinrich Rickert (1863-1936) e Wilhelm Dilthey (1833-1911) estruturaram suas teorias a partir da separação entre Ciências da Natureza e Ciências da Cultura (ou do Espírito). Esta distinção constituía também uma diferenciação quanto aos métodos: desta, baseada na compreensão histórica e, àquela, a explicação da natureza. Otávio Velho (2001) entende a Ecologia como uma referência chave para o deslocamento crítico de uma série de oposições conceituais que inclui a natureza e a cultura. De fato, a Ecologia já se apresentou como uma “sociologia das plantas” ou “economia da natureza”, indicando que o paradigma ecológico remete a interações que demandam o diálogo entre as disciplinas científicas.

Entendo paradigma, seguindo Octavio Ianni (1991), como uma fórmula epistemológica geral, um princípio explicativo fundamental de forma articulada, internamente coerente. Ou, ainda, como afirma Thomas Kuhn, enquanto “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 2013, p. 53). O paradigma ecológico tem sido um princípio explicativo importante para as Ciências Sociais, pelo menos desde Gregory Bateson (VELHO, 2001). Hoje esse paradigma se desdobra em um repertório teórico e metodológico de perspectivas variadas, como indicado por Little (2006). Além de uma Ecologia Política (SCHMINK, WOOD, 1987), existiriam ainda: a Ecologia Cultural (STEWART, 1955), a Etnoecologia (CONKLIN, 1954), a Ecologia Neofuncionalista (RAPPAPORT, 1968), a Ecologia Humana (MORAN, 1990), a Ecologia Processual (BENNETT, 1993), a Ecologia Espiritual (KINSLEY, 1995) entre outras perspectivas.

As noções de “natureza” e “cultura” denotam representações e atos de atribuições de sentido (BRUNI, 1993). A maioria das ciências tem se caracterizado

pela competição entre diversas concepções de natureza, o que Kuhn (2013) chama de incomensurabilidade, ou seja, diferentes maneiras de ver o mundo e saber-fazer ciência. E embora a aceitação de um paradigma promova uma estabilidade para o desenvolvimento da ciência normal<sup>4</sup>, sempre há lacunas entre o paradigma e a natureza. O que o cientista vê depende da sua experiência conceitual prévia. O que está em jogo é a própria representação sobre a natureza. A Ecologia promove uma reflexão direta sobre a condição humana e o meio ambiente. De certo modo, parece uma ponte entre as construções dicotômicas ocidentais que dissociaram a sociedade da natureza, o humano do meio ambiente, a mente do corpo.

Destarte, *A Nova Ciência* proposta por Guerreiro Ramos indica a “práxis de emergente modelo de relações entre os indivíduos, e entre estes e a natureza” (RAMOS, 1989, p. XVI). Segundo o autor, as Ciências Naturais, no tocante à sua aplicação para o desenvolvimento das sociedades industriais, não se fundamentaram numa forma analítica de pensamento. A criticidade do conhecimento ficou amarrada a interesses práticos imediatos. Guerreiro Ramos também afirma que a Ciência Social se fundamenta na racionalidade instrumental, voltada para sociedade de mercado. A sociedade moderna tornou a palavra “razão” compatível com sua estrutura normativa, que é utilitarista.

Guerreiro Ramos vai desenvolver então o conceito de racionalidade substantiva ou de valor – *Wertrationalitat* – para uma nova forma de organização social. Tal conceito foi apresentado por Max Weber, porém o sociólogo alemão focou seus estudos na compreensão da racionalidade instrumental – *Zweckrationalitat* – determinada pela burocracia e voltada para fins de mercado (RAMOS, 1946). A modernização, embasada na racionalidade instrumental, representa para Guerreiro Ramos, a degradação da qualidade de vida, a poluição, o desperdício à exaustão dos limitados recursos do planeta e a insegurança psicológica. Assim:

Uma posição exploradora em face da natureza seria eticamente viciosa, para a mentalidade pré-moderna e não moderna. A tecnologia científica existiu muito antes da chamada revolução

---

4 A ciência normal para Thomas Kuhn (2013) é a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Cabendo a ela a determinação do fato significativo, a harmonização dos fatos com a teoria e a articulação da teoria.

industrial, sem que, necessariamente, dominasse a natureza. (...) Era como se os gregos, e outros povos antigos tivessem a percepção de ser a economia parte integrante do sistema biofísico. (RAMOS, 1989, p. 34-35).

As sociedades modernas são o próprio mercado amplificado. O padrão ético passou a ser o interesse imediato do indivíduo, que tem a riqueza e a prosperidade material como metas primordiais do sistema. Ao propor uma abordagem substantiva da organização social, Guerreiro Ramos assinala a importância de uma ruptura com a ideologia do Ocidente para uma articulação cultural, política e econômica dos países colonizados. Esta teoria organizacional, fundada na racionalidade substantiva, significa a livre experiência da realidade. Isso quer dizer a expansão das percepções da natureza humana e da vida humana associada. Outras formas de associações para além da centralidade do mercado.

As perspectivas de Guerreiro Ramos e Thomas Kuhn parecem se aproximar à afirmação de que a ciência é uma maneira de ver o mundo. Existem múltiplas maneiras de se chegar ao conhecimento. A ciência é apenas uma das vias. E guiados por um paradigma sempre haverá limites nesta visão do “real”. A crença numa “verdadeira” visão é o que Guerreiro Ramos chama de ciência social formal ou científica. Dessa forma uma teoria da organização pressupõe uma ciência social de mesma natureza epistemológica. A teoria vigente da organização está embasada na ciência social formal, enquanto a *Nova Ciência das Organizações* estaria assentada na Ciência Social Substantiva, que estará sempre em elaboração.

É esta Ciência Social Substantiva que abre o diálogo com a Questão Ambiental. Como crítica ao modelo unidimensional em que o mercado é a principal categoria de ordenação, Guerreiro Ramos propõe um modelo multidimensional baseado no paradigma paraeconômico. A grande problemática da teoria unidimensional é a suposição que o comportamento utilitário e administrativo é inerente à natureza humana. Segundo o sociólogo, este comportamento é uma síndrome psicológica inerente à economia de mercado. Já o modelo paraeconômico parte do pressuposto de que “o mercado constitui um enclave dentro de uma realidade social multicêntrica, onde há descontinuidades de diversos tipos, múltiplos critérios substantivos de vida pessoal e uma variedade de padrões de relações interpessoais” (RAMOS, 1989, p. 141). O paradigma paraeconômico é sensível às

nocivas circunstâncias da sociedade centrada no mercado, levando em consideração não apenas o impacto termodinâmico da produção capitalista industrial, como também a superação da deterioração física do planeta e das condições de existência humana, através de uma revolução organizacional.

Ao pensar uma Ciência Social Substantiva, Guerreiro Ramos muitas vezes transparece a indicação de sociedades não ocidentais como modelos alternativos a serem pensados. O sociólogo baiano afirma que a Nova Ciência tem existido milenarmente, a novidade apenas indica a negligência acadêmica moderna em relação a estes modelos alternativos. O tema das minorias étnicas neste sentido talvez seja fundamental para pensar uma ecologia política pautada na razão substantiva. A importância, portanto, se dá na formação de uma nova radicalidade social (MIREs, 2012), já que a sociedade centrada no mercado teve sua gênese sobre as costas da escravidão dos povos africanos e indígenas, destruindo vidas e a natureza.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De forma ainda embrionária, busquei demonstrar a importância dos escritos de Guerreiro Ramos para a compreensão das relações entre Questão Ambiental, Educação e Ciências Sociais. Desde o final da década de 1930 em seus escritos, é possível perceber uma abordagem transdisciplinar, que incorpora à sua análise sociológica, considerações também de natureza antropológica, biológica, demográfica, psicológica, filosófica, econômica, administrativa e ecológica.

Pensar a temática ambiental a partir do Brasil, bem como da América Latina de forma geral, através de um intelectual tão expressivo e atuante politicamente, é também refletir sobre o processo colonial e suas implicações na conformação das sociedades latino-americanas contemporâneas. O que está posto ao relacionar Ciências Sociais, Educação e Questão Ambiental é uma crítica política e ecológica a partir da América Latina que não só implica no questionamento do desenvolvimento capitalista tecnológico industrial, como também indica uma demolição da influência obscurecedora dos conservadores e da própria falência do modelo colonial.

Guerreiro Ramos, de forma mais contundente na década de 1980, aponta a importância das questões ambientais para a compreensão das relações sociais e, também, enquanto uma abordagem teórica necessária para a Sociologia. A crise ambiental é uma realidade da agenda dos Estados Nacionais e diversos movimentos sociais, pelo menos, desde a segunda metade do século XX. Constitui também uma crescente área de desafio para as mais diversas disciplinas científicas, inclusive as Ciências Sociais. A temática ambiental é um desafio, além de político e prático, epistemológico para as ciências.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A.; ALBERNAZ, R. **A “antropologia” do Guerreiro: a história do conceito de homem parentético**. Rio de Janeiro: Cadernos EBAPE.BR, vol. IV, n. 3, p. 1-19, 2006.
- AZEVEDO, A. **A Sociologia Antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política; UFSC. Florianópolis, 2006a.
- AZEVEDO, A.; ALBERNAZ, R. **A Razão d'A Nova Ciência das Organizações**. Rio de Janeiro: Cadernos EBAPE.BR, vol. 13, Edição Especial, artigo 4, set., p. 593-604, 2015.
- BARBOSA, Muryatan S. **Guerreiro Ramos e o personalismo negro**. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Departamento de Sociologia, FFLCH, USP, 2004.
- BARIANI, Edison. **A Sociologia no Brasil: uma batalha, duas trajetórias (Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, 2003.
- BEGON, M.; TOWNSEND, C. R.; HARPER, J. L. **Ecologia: de indivíduos a ecossistemas**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- BENNETT, John W. **Human ecology as human behavior: essays in environmental and development anthropology**. New Brunswick: Transaction, 1993.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. **Censo Escolar 2017: notas estatísticas**. Brasília, 2018.

- BRUNI, José Carlos. **A água e a vida**. São Paulo: Tempo Social, Revista de Sociologia USP, 5(1-2), p. 53-65, 1993.
- BOEIRA, Sérgio Luís. **Ecologia Política: Guerreiro Ramos e Fritjof Capra**. São Paulo: Ambiente e Sociedade, ano V, n. 10, p. 1-21, 2002.
- CARVALHO, José Jorge. **Inclusão étnica e racial no ensino superior: um desafio para as universidades brasileiras**. Brasília: Série Antropologia, 382, 2005.
- CONKLIN, Harold C. **An ethnoecological approach to shifting agriculture**. Transactions of the New York Academy of Sciences, v. 17, n. 2, p. 133-142, 1954.
- DIAS, Ilane Frank. **Estudos Organizacionais e a ecologia: considerações epistemológicas**. Porto Alegre: Anais IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, p. 1-21, 2016.
- FERREIRA, Leila da Costa. **Idéias para uma Sociologia da Questão Ambiental no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2006.
- FIGUEIREDO, Ângela; GROSGOUEL, Ramón. **Por que não Guerreiro Ramos? Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras**. São Paulo: Ciência e Cultura, v. 59, n. 2, Junho, p. 36-41, 2007. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252007000200016&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200016&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 12 de fevereiro de 2017.
- GAGLIETTI, Mauro. **Guerreiros Ramos e o paradigma da autopoiese: um anúncio na história intelectual brasileira**. Porto Alegre: Anais do IX Encontro da Associação Nacional de História, p. 1-12, 2008.
- GIULIANI, Gian Mario. **Sociologia e Ecologia: um diálogo reconstruído**. Raízes, ano XVII, n. 16, p. 25-40, 1998.
- IANNI, Octavio. **A Crise de Paradigma na Sociologia**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 32, jun., p. 195-215. 1991.
- KINSLEY, David. **Ecology and religion: ecological spirituality in cross-cultural perspective**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1995.
- KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 12 ed., 2013.
- LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. Tradução de C. A. Mota de Souza. São Paulo: Edusc, 2004.



- LYNCH, C. E. C. **Teoria Pós-Colonial e pensamento brasileiro na obra de Guerreiro Ramos: o pensamento sociológico (1953-1955)**. Salvador: Caderno CRH, v. 28, n. 73, p. 27-45, 2015.
- LITTLE, Paul Elliot. **Ecologia Política como Etnografia: um guia teórico e metodológico**. Por Alegre: Horizonte Antropológicos, ano 12, n. 25, p. 85-103, 2006.
- MAIA, J. M. E. **Reputações à brasileira: o caso de Guerreiro Ramos**. Rio de Janeiro: Revista Sociologia & Antropologia, v. 02. 04, p. 265-291, 2012.
- MAIO, Marcos Chor. **Cor, intelectuais e nação na sociologia de Guerreiro Ramos**. Rio de Janeiro: Cadernos EBAPE.BR, v. 13, artigo 5, p. 605-630, 2015. Edição Especial.
- MARTINS, Tatiana Gomes. **Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos: para além de um debate**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- MEUCCI, Simone. Sobre a Rotinização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais didáticos, seus autores, suas expectativas. In: **Revista Mediações**. Londrina, v.12, n.1, p.31-66, jan./jun. 2007.
- MICELI, Sérgio (Org.). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, Fapesp, v.2, 1995.
- MIRES, Fernando. **O discurso da natureza: ecologia e política na América Latina**. Organização e tradução Vicente Rosa Alves. Florianópolis: Editora da UFSC, Bernúncia Editora, 2012.
- MORAN, Emilio F. (Ed.). **The ecosystem approach in anthropology: from concept to practice**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1990.
- MORIN, Edgar. **Carta da Transdisciplinaridade**. In: Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade. Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 de novembro, 1994. Disponível em <http://cettrans.com.br/wp-content/uploads/2014/09/CARTA-DATRANSDISCIPLINARIDADE1.pdf>. Acesso em 15 de março de 2017.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A inteligência brasileira à luz da sociologia de Guerreiro Ramos**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1987.
- \_\_\_\_\_. **O olhar sociológico de Guerreiro Ramos**. Mnemosine, vol. 2, n. 2, p. 183-190, 2006.



OLIVEIRA, Amurabi. O Centenário de Guerreiro Ramos e sua Atualidade para o Ensino de Ciências Sociais no Brasil. In: **Ilha Revista de Antropologia**, v. 18, n. 1, p. 139-155, 2016.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre as ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Novos Estudos Cebrap, n. 27, jul, p. 163-175, 1990.

PITROU, Perig. **Uma antropologia além de Natureza e Cultura?** Mana 21 (1), p. 181-194, 2015.

PIZZA JUNIOR, Wilson. **Administração e Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Revista de Administração Pública, 25 (4), out./dez., p. 12-24, 1991.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução à Cultura**. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.

\_\_\_\_\_. **A sociologia de Max Weber** (sua importância para a teoria e a prática da administração). Rio de Janeiro: Revista do Serviço Público, v. 3, n. 2/3, p. 129-139, ago./set. 1946.

\_\_\_\_\_. O problema da escola de aprendizagem industrial no Brasil. In: **Segurança Urbana e Juventude**, Araraquara, v.2, n. 1/2, 2009.

\_\_\_\_\_. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

\_\_\_\_\_. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. **A redução sociológica** (introdução ao estudo da razão sociológica). Rio de Janeiro: Iseb, 1958.

\_\_\_\_\_. **A Nova Ciência das Organizações: uma reconceituação da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2 ed., 1989.

RAPPAPORT, Roy. **Pigs for the ancestors**. New Haven: Yale University Press, 1968.

SCHMINK, Marianne; WOOD, Charles H. **The “political ecology” of Amazonia**. In: LITTLE, P. D.; HOROWITZ, M. M.; NYERGES, E. (Ed.). **Lands and risk in the Third World**. Boulder: Westview Press, p. 38-191, 1987.

SCHUTEL, Soraia. **O homem parentético de Guerreiro Ramos e a prática sustentável**. Atos do Congresso Responsabilidade e Reciprocidade, p. 443-455, 2011.

STEWART, Julian H. **Theory of culture change**. Urbana: University of Illinois Press, 1955.

VELHO, Otávio. **De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico**. Mana 7 (2), p. 133-140, 2001.

VIOLA, Eduardo. O movimento ambientalista no Brasil (1971-1991): da denúncia e conscientização pública para a institucionalização e o desenvolvimento sustentável. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **Ecologia, ciência e política**. Rio de Janeiro: Revan, 1995.